

EDWARD ST. AUBYN

Romances de Patrick Melrose

O leite da mãe
Enfim

Tradução
Sara Grünhagen



Copyright de Mother's Milk © 2005 by Edward St. Aubyn
Copyright de At Last © 2011 by Edward St. Aubyn
Copyright de "Fly Me To The Moon (In Other Words)", letra e música de Bart Howard
© 1954 (renovado) by Hampshire House Publishing Corp., Nova York, NY.
Copyright de "I Got Plenty O' Nuttin'", letra e música de George Gershwin, Du Bose
Heyward e Ira Gershwin © 1935 (renovado) by Chappell & Co., Inc. (ASCAP). Todos os
direitos administrados por Warner/Chappell North America Ltd.
Copyright de "Burnt Norton", de *Quatro Quartetos*, T.S. Eliot © 1944 by T.S. Eliot
1944, publicado pela Faber and Faber Ltd.
Copyright de "Dutch Graves in Bucks County", de *The Collected Poems of Wallace Ste-*
vens, Wallace Stevens © 1954 by Wallace Stevens, publicado pela Faber and Faber Ltd.

Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The Patrick Melrose Novels — Never Mind, Bad News, Some Hope, and Mother's Milk
At Last

Capa

Tereza Bettinardi

Foto de capa

The Bridgeman Art Library/ Keystone Brasil

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Renata Lopes Del Nero

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

St. Aubyn, Edward

Romances de Patrick Melrose vol. 2 : O leite da mãe :
Enfim / Edward St. Aubyn ; tradução Sara Grtinhagen. —
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original: The Patrick Melrose Novels : Never
Mind, Bad News, Some Hope, and Mother's Milk. At Last.
ISBN 978-85-359-2891-4

1. Romance inglês I. Título. II. Título: O leite da mãe.
III. Título: Enfim.

17-01891

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura inglesa 823

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras

Sumário

O leite da mãe, 7
Enfim, 271

O LEITE DA MÃE

Agosto de 2000

1.

Por que fingiam que o matavam no momento de nascer? Mantendo-o acordado por dias, batendo sua cabeça repetidamente contra um colo uterino fechado; enrolando o cordão em sua garganta e o estrangulando; dilacerando o abdome de sua mãe com tesouras frias; agarrando sua cabeça e torcendo o pescoço de um lado para o outro; arrastando-o para fora do seu lar e batendo nele; jogando luzes em seus olhos e fazendo testes; levando-o para longe de sua mãe enquanto ela jazia deitada na mesa, semimorta. Talvez a ideia fosse destruir a nostalgia dele pelo velho mundo. Primeiro o confinamento, a fim de deixá-lo sedento por espaço, depois a simulação da morte, para que ele se sentisse grato pelo espaço recebido, ainda que fosse este deserto barulhento, onde havia apenas as bandagens dos braços de sua mãe para envolvê-lo, e nunca mais a coisa toda de novo, toda aquela coisa quente em volta dele, que era tudo.

As cortinas dançavam, lançando luz no quarto de hospital. Infladas da tarde quente, depois murchando de novo contra as janelas francesas, amenizando a luminosidade de fora.

Alguém abriu a porta e as cortinas pularam e ondularam; papel solto farfalhou, o quarto clareou e o estrépito das obras ficou um pouco mais alto. Então a porta bateu, as cortinas suspiraram e o quarto escureceu.

“Ah, não, chega de flores”, disse sua mãe.

Ele via tudo pelas paredes transparentes de seu berço-aquário. Era observado do alto pelo olho pegajoso de um lírio aberto. Às vezes, a brisa soprava o cheiro apimentado de frésias sobre ele, deixando-o com vontade de espirrar aquilo para longe. Na camisola de sua mãe, manchas de sangue misturavam-se a riscas de pólen laranja-escuro.

“As pessoas são tão gentis...” Ela ria de cansaço e frustração. “Quer dizer, ainda há algum espaço no banheiro?”

“Na verdade, não; você já pôs as rosas e as outras coisas lá.”

“Ah, meu Deus, não suporto isso. Centenas de flores cortadas e espremidas nestes vasos brancos, só para nos deixar felizes.” Ela não conseguia parar de rir. Lágrimas corriam por seu rosto. “Elas deviam ter sido deixadas onde estavam, num jardim em algum lugar.”

A enfermeira olhou para o prontuário.

“Está na hora do seu Voltarol”, disse. “Você precisa controlar a dor antes que ela a domine.”

Em seguida a enfermeira olhou para Robert e, na penumbra pesada, ele se concentrou nos olhos azuis dela.

“Ele é bem alerta. Está me examinando.”

“Ele vai ficar bem, não vai?”, perguntou sua mãe, subitamente apavorada.

De repente Robert também ficou apavorado. Eles não estavam juntos da forma como costumavam estar, mas ainda tinham seu desamparo em comum. Havia sido arrastados até uma costa selvagem. Cansados demais para rastejar até a praia, os dois só podiam ficar ali largados em meio aos rugidos do mar e ao

deslumbramento de estarem ali. Mas ele precisava encarar os fatos: eles tinham sido separados. Agora entendia que sua mãe já estava do lado de fora. Para ela, essa costa selvagem era um novo papel, para ele, um mundo novo.

O estranho é que ele sentia já haver estado ali antes. O tempo todo ele sabia que havia um lado de fora. Costumava pensar que era um mundo aquático abafado e que ele vivia no coração das coisas. Agora as paredes tinham tombado e ele podia ver em que mistura confusa havia estado. Como evitar se meter numa nova confusão nesse lugar estrondosamente luminoso? Como iria chutar e girar da forma que costumava fazer nessa atmosfera pesada onde o ar fazia sua pele arder?

Ontem ele achou que estava morrendo. Talvez estivesse certo e era isso que havia acontecido. Tudo era discutível, exceto o fato de estar separado de sua mãe. Agora que percebia haver uma diferença entre eles, amava sua mãe com uma nova intensidade. Costumava estar perto dela. Agora ansiava estar perto dela. Essa primeira sensação de saudade era a coisa mais triste do mundo.

“Ah, meu bem, o que foi?”, perguntou a enfermeira. “Será que estamos com fome ou será que só queremos um colinho?”

A enfermeira tirou-o do berço-aquário, carregou-o por sobre o abismo que o separava da cama e deixou-o nos braços doloridos de sua mãe.

“Tente dar o peito um pouquinho e depois descansar. Vocês passaram por muita coisa nos dois últimos dias.”

Ele sentia um desespero inconsolável. Não podia viver com tantas dúvidas e de forma tão intensa. Vomitou colostro em sua mãe e então, no nebuloso momento de vazio que se seguiu, seus olhos foram atraídos pelas cortinas cheias de luz. Elas prenderam sua atenção. Era assim que as coisas funcionavam por aqui. Eles te fascinavam com coisas para que você se esquecesse da separação.

Ainda assim, ele não queria exagerar seu declínio. As coisas estavam ficando apertadas no velho mundo. Mais perto do fim, ele já estava desesperado para sair, porém havia imaginado que voltaria a se expandir no oceano ilimitado de sua juventude, e não que se veria exilado nessa terra seca. Talvez pudesse revisitar o oceano em seus sonhos, não fosse o véu de violência que pairava entre ele e o passado.

Hesitava nas bordas brumosas do sono, sem saber se isso o levaria ao mundo flutuante ou de volta à carnificina da sala de parto.

“Pobre bebê, provavelmente estava tendo um pesadelo”, disse sua mãe, acariciando-o. Seu choro começou a diminuir e desaparecer.

Ela o beijou na testa e ele percebeu que, embora eles não dividissem mais um corpo, ainda tinham os mesmos pensamentos e os mesmos sentimentos. Estremeceu de alívio e mirou as cortinas, observando a luz jorrar.

Ele provavelmente dormiu por algum tempo, pois seu pai já havia chegado e tagarelava sobre alguma coisa. Não parava de falar.

“Fui dar uma olhada em mais alguns apartamentos hoje, e vou te contar: está mesmo deprimente. Os imóveis em Londres estão fora de controle. Estou inclinado a partir para o plano C.”

“Qual é o plano C? Esqueci.”

“Ficar onde estamos e enfiar outro quarto na cozinha. Se a dividirmos ao meio, o armário das vassouras se transforma no armário de brinquedos dele e a cama fica onde está a geladeira.”

“E onde as vassouras vão ficar?”

“Sei lá — em algum lugar.”

“E a geladeira?”

“Ela pode ficar dentro do armário, ao lado da máquina de lavar.”

“Não vai caber.”

“Como é que você sabe?”

“Eu sei.”

“Enfim... vamos dar um jeito. Só estou procurando ser prático. Tudo muda quando chega um bebê.”

O pai dele se inclinou mais para perto e sussurrou: “Em último caso, temos a Escócia”.

Ele tinha se tornado prático. Sabia que a esposa e o filho estavam se afogando numa poça de confusão e sensibilidade, e iria salvá-los. Robert podia sentir o que ele estava sentindo.

“Meu Deus, as mãozinhas dele são minúsculas”, disse o pai. “Ainda bem, na verdade.”

Ele ergueu a mão de Robert com o mindinho e a beijou. “Posso pegá-lo?”

Ela o ergueu na direção do pai. “Cuidado com o pescoço dele, é bem mole. Você precisa apoiá-lo.”

Todos estavam nervosos.

“Assim?” A mão de seu pai subiu por sua espinha, pegou-o de sua mãe e deslizou por baixo da cabeça de Robert. Robert tentou manter-se calmo. Não queria chatear os pais.

“Mais ou menos. Na verdade eu também não sei.”

“Ahh... como nos deixam fazer isso sem uma licença? Você não pode ter um cachorro nem uma televisão sem uma licença. Talvez possamos aprender com a enfermeira pediátrica — como ela se chama mesmo?”

“Margaret.”

“Aliás, onde é que a Margaret vai dormir uma noite antes de irmos para a minha mãe?”

“Ela disse que está mais do que satisfeita com o sofá.”

“Me pergunto se o sofá diria a mesma coisa.”

“Não seja maldoso, ela está fazendo uma dieta química.”

“Que emocionante. Não conhecia esse lado dela.”

“Ela tem muita experiência.”

“Será que todos nós não temos?”

“Com bebês.”

“Ah, bebês.” Seu pai arranhou a bochecha de Robert com sua barba rala e fez um som de beijo em seu ouvido.

“Mas nós o adoramos”, disse sua mãe, os olhos marejados de lágrimas. “Isso não basta?”

“Ser adorado por dois pais estagiários com uma moradia inadequada? Graças a Deus ele tem o apoio de uma avó que vive em férias permanentes e de outra que está ocupada demais salvando o planeta para que possa ficar totalmente feliz com essa solicitação adicional de seus recursos. A casa da minha mãe já está lotada de chocalhos xamânicos, ‘animais de poder’ e ‘crianças interiores’ para acomodar uma coisa tão desenvolvida como uma criança.”

“Nós vamos ficar bem”, disse sua mãe. “Não somos mais crianças, somos pais.”

“Somos as duas coisas”, disse seu pai, “esse é o problema. Sabe o que minha mãe me disse um dia desses? Que uma criança nascida num país desenvolvido consome duzentas e quarenta vezes mais recursos do que uma criança nascida em Bangladesh. Se tivéssemos tido duzentos e trinta e nove filhos bengaleses, ela teria sido mais calorosa conosco, mas esse Gargantua ocidental, que vai ocupar quilômetros de aterro sanitário com suas fraldas descartáveis e que logo vai exigir um computador poderoso o bastante para lançar um voo até Marte enquanto brinca de jogo da velha com um amigo virtual em Dubrovnik, não tem grandes chances de receber a aprovação dela.” Seu pai fez uma pausa. “Você está bem?”, perguntou.

“Nunca me senti tão feliz”, respondeu sua mãe, secando o rosto reluzente com o dorso da mão. “Só estou com uma sensação enorme de vazio.”

Ela guiou a cabeça do bebê na direção de seu mamilo e ele começou a sugar. Um fluxo estreito de seu antigo lar encheu sua boca, e eles estavam juntos de novo. Sentia o batimento cardíaco dela. Uma paz os envolveu como um novo útero. Talvez fosse um bom lugar para se estar, afinal de contas, só era difícil entrar nele.

Isso era tudo de que Robert se lembrava de seus primeiros dias de vida. As lembranças tinham retornado no mês passado, quando seu irmão nasceu. Talvez algumas dessas coisas tenham sido ditas no mês passado, ele não tinha certeza, mas ainda que tivesse sido assim elas o lembravam de quando ele estava no hospital; portanto, as lembranças realmente pertenciam a ele.

Robert estava obcecado com seu passado. Ele tinha cinco anos agora. Cinco anos, não era mais um bebê como Thomas. Sentia sua primeira infância se desintegrando, e, em meio aos gritos de parabéns que acompanhavam cada pequeno passo em direção à plena cidadania, ele ouvia o sussurro da perda. Algo tinha começado a acontecer quando ele foi dominado pela fala. Suas primeiras lembranças estavam se soltando, como placas daquelas falésias cor de laranja atrás dele, e tombavam num mar devorador que apenas o encarava de volta quando ele tentava olhar para dentro dele. Sua primeira infância estava sendo destruída por sua meninice. Ele a queria de volta, do contrário Thomas iria ficar com tudo.

Robert tinha deixado seus pais, seu irmãozinho e Margaret para trás e cambaleava pelas rochas em direção às pedras ruidosas da praia abaixo, levando em uma das mãos estendidas um balde de plástico arranhado, decorado com golfinhos acrobatas. Pedrinhas brilhantes que desapareciam quando ele corria de volta para mostrá-las não o enganavam mais. O que ele estava procurando agora eram aquelas jujubas de vidro rombudo enterra-

das sob a precipitação fina de cascalho preto e dourado na costa. Mesmo secas, elas tinham um brilho machucado. Seu pai havia dito a ele que o vidro era feito de areia, portanto elas estavam na metade do caminho de volta para sua origem.

Robert tinha chegado à beira da água. Deixou o balde numa pedra alta e pôs-se a caçar os seixos lambidos pelas ondas. A água espumou em torno de seus tornozelos, e enquanto ela voltava correndo para o mar ele esquadrinhou a areia borbulhante. Para seu espanto, viu algo sob a primeira onda, não uma das contas verde-claras ou brancas e foscas, mas uma pedra amarela rara e preciosa. Arrancou-a da areia, lavou-a na onda seguinte e segurou-a contra a luz, um pequeno rim âmbar entre seu indicador e polegar. Olhou em direção à praia para compartilhar sua empolgação, mas seus pais estavam amontoados em volta do bebê, enquanto Margaret vasculhava uma bolsa.

Ele se lembrava bastante bem de Margaret agora que ela tinha voltado. Ela havia cuidado dele quando ele era bebê. Era diferente naquela época, porque ele era o único filho de sua mãe. Margaret gostava de dizer que ela era uma “tagarela de qualquer assunto”, só que seu único assunto era ela mesma. Seu pai disse que ela era especializada em “teoria da dieta”. Robert não tinha certeza do que era isso, mas parecia que a havia deixado bem gorda. Para economizar, seus pais não pretendiam ter uma enfermeira pediátrica dessa vez, mas tinham mudado de ideia pouco antes de virem para a França. E quase mudaram de ideia de novo quando a agência disse que Margaret era a única disponível num prazo tão curto. “Vão ser duas mãos a mais para nos ajudar”, sua mãe havia dito. “Se ao menos elas não viessem com uma boca extra”, rebateu seu pai.

Robert tinha conhecido Margaret ao voltar do hospital em que nascera. Acordou na cozinha de seus pais, balançando para cima e para baixo nos braços dela.

“Troquei a fralda de Sua Majestade para ele ficar com o popô sequinho e bonzinho”, disse ela.

“Ah”, respondeu sua mãe, “obrigada.”

Ele imediatamente sentiu que Margaret era diferente de sua mãe. As palavras escorriam dela como de uma banheira destampada. Sua mãe não gostava de falar, mas quando falava era como estar no seu colo.

“Ele gosta do bercinho?”, perguntou Margaret.

“Na verdade eu não sei; ele ficou conosco na cama na noite passada.”

Um resmungo abafado saiu de Margaret. “Hummm”, fez ela, “maus hábitos.”

“Ele não conseguia se acomodar no berço.”

“Eles nunca vão conseguir se os levamos para a cama.”

“‘Nunca’ é tempo demais. Ele estava dentro de mim até quarta-feira à noite; meu instinto é deixá-lo perto de mim por algum tempo — fazer as coisas aos poucos.”

“Olha, longe de mim duvidar dos seus instintos, meu bem”, disse Margaret, cuspidando a palavra no instante em que ela se formava em sua boca, “mas nos meus quarenta anos de *experiência* tive mães me agradecendo milhões de vezes por colocar o bebê para dormir no berço. Teve uma mãe, na verdade é uma senhora árabe, até bem simpática, que me ligou esses dias em Botley e disse: ‘Ah, se eu tivesse te ouvido, Margaret, e não levado a Yasmin para a cama comigo. Não há mais o que fazer com ela agora’. Ela queria que eu voltasse, só que eu disse: ‘Sinto muito, meu bem, mas começo num novo emprego semana que vem e em julho estarei no sul da França para ficar com a avó do bebê’.”

Margaret meneou a cabeça e caminhou altiva pela cozinha, uma chuva de migalhas pinicando o rosto de Robert. Sua mãe não disse nada, mas Margaret continuou alardeando.

“Além do mais, não acho justo com o bebê; eles gostam de ter seu bercinho. Claro que estou acostumada a assumir toda a responsabilidade. Geralmente é *comigo* que eles ficam durante a noite.”

Seu pai entrou na cozinha e beijou Robert na testa.

“Bom dia, Margaret”, disse. “Espero que você tenha conseguido dormir um pouco, porque nenhum de nós conseguiu.”

“Sim, obrigada, na verdade o sofá é bastante confortável; não que eu vá reclamar quando tiver meu quarto na casa de sua mãe.”

“Espero que não”, disse seu pai. “Vocês já fizeram as malas e estão prontas para ir? Nosso táxi deve chegar a qualquer minuto.”

“Bem, eu nem tive tempo de *desfazer* as malas, não é mesmo? Só separei o meu chapéu. Eu o deixei para fora, caso o sol esteja ardendo lá por aquelas bandas.”

“O sol está sempre ardendo lá por aquelas bandas. Minha mãe não toleraria nada menos do que um aquecimento global catastrófico.”

“Hummm, a gente bem que está precisando de um pouco de aquecimento global lá em Botley.”

“Se eu fosse você, não faria esse tipo de comentário se quiser conseguir um bom quarto na Fundação.”

“O que é isso, meu bem?”

“Ah, minha mãe criou uma ‘Fundação Transpessoal’.”

“Quer dizer então que a casa não vai ser sua?”

“Não.”

“OuvIU isso?”, disse Margaret, sua palidez de cera pairando sobre Robert, lançando migalhas de biscoito em seu rosto com um vigor renovado.

Robert sentiu a irritação de seu pai.

“Ele é tranquilo demais para se preocupar com tudo isso”, disse sua mãe.

Todos começaram a se mover mais ou menos ao mesmo tempo. Margaret, de chapéu, assumiu a frente, os pais de Robert lutando atrás com a bagagem. Eles o levavam para fora, de onde vinha a luz. Ele estava encantado. O mundo era uma sala de parto gritando de vida ambiciosa. Galhos elevando-se, folhas tremulando, montanhas flutuantes de cúmulos-nimbos, seus cumes dissolventes enrolando-se no céu banhado de luz. Podia sentir os pensamentos de sua mãe, podia sentir os pensamentos de seu pai, podia sentir os pensamentos de Margaret.

“Ele ama as nuvens”, observou sua mãe.

“Ele não está vendo as nuvens, meu bem”, disse Margaret. “Eles não conseguem focalizar nada nessa idade.”

“Mas ele pode estar olhando para elas sem vê-las como nós as vemos”, disse seu pai.

Margaret grunhiu enquanto entrava no táxi que roncava.

Ele estava deitado imóvel no colo de sua mãe, mas a terra e o céu iam passando do lado de fora da janela. Se continuava envolvido na cena em movimento, então achou que também ele estava se movendo. Luz brilhava nas janelas de casas que passavam, vibrações chegavam até ele de todas as direções, então cânions de prédios irromperam e um fio de luz jorrou sobre seu rosto, deixando suas sobrancelhas rosa-alaranjadas.

Eles estavam a caminho da casa de sua avó, a mesma casa onde estavam hospedados agora, uma semana depois do nascimento de seu irmão.